

Crónica de uma guerra pela defesa da Pátria

Temos de chegar à Planície de Manianje

Mário Ferro

«Para isso, temos de romper com o conforto. O conforto só traz-nos a preguiça mental, traz-nos o divórcio entre a oficialidade e o soldado.

«Em síntese, o conforto corrompe-nos moral, ideológica e materialmente. O conforto destrói a nossa vitória, cria condições da derrota. O conforto pode-nos transformar em desertores. A nossa história regista exemplos de deserções como o culminar da vida confortável que alguns dos nossos combatentes praticavam

«É preciso aceitar sacrifícios e dificuldades. Quem rasteja na alcatrã, desmonta a arma na fiat, não pode treinar o soldado. Tem de fazer treino a seis quilómetros do quartel, correr até lá, desmontar a arma lá. Não é treinar a 500 metros do quartel».

— Presidente Samora Machel na sua obra «Vamos fazer da floresta o nosso teatro de operações».

A distância, por entre o arvoredo e o capim alto, começam a chegar aos nossos olhos os contornos de varias construções de alvenaria. As viaturas vão avançando penosamente pela picada, debaixo de um sol escaldante já a pique que dava uma temperatura superior aos trinta graus positivos.

A medida que as viaturas conseguem transpor os buracos e a areia solta da picada, no seu passo lento, uma ideia mais exacta começa a delinear-se. Estamos a chegar a Pembe, uma localidade comercial do distrito de Homoine.

Um meia dúzia de casas, todas elas de rés-do-chão, forma uma área comercial onde outrora se desenvolveu o comércio do interior. Trata-se do que, em tempos, foram cantinas, cujos proprietários foram obrigados a abandonar, devido à actividade terrorista dos bandidos armados.

Explicam-nos que Pembe tem uma grande importância no comércio da zona. Sendo Homoine um dos principais produtores de castanha de caju, situando-se na terceira posição em relação a toda a província, a localidade era o centro comercial da zona, para onde convergiam os camponeses para proceder à troca de produtos.

Uma tradição que vinha do tempo colonial e que continuou após a Independência, até que um dia os bandidos armados ali chegaram e tudo foi interrompido, abruptamente. Entre os roubos e assassinatos da população da zona, os bandidos armados acabaram por instalar-se pelo terror na zona, desde 1982.

Mas, depois nos finais de Junho de 1984, após terem sido expulsos de Vavati, acabaram por ser escuraçados pelas unidades das nossas Forças Armadas, sem que antes tenham destruído e lançado fogo às casas.

Na paragem que ali fizemos, o Major-General Domingos Fondo aproveita a oportunidade para tro-

car impressões com os oficiais das unidades militares ali estacionadas, traçando algumas orientações para o seu trabalho.

Abrindo outra vez o mapa da zona e com o auxílio de uma varinha, o comandante militar explica-nos a situação presente. A partir de Pembe, os bandidos armados actuavam entre Homoine e Panda numa zona chamada Nhanjele para prejudicar o projecto de algo dão de Inhassune.

Esta zona é de grande importância económica. Domingos Fondo diz-nos que a mesma é de condições muito favoráveis para a criação de gado, porque não há mosca tsé-tsé. Além disso, é de índices elevados a produção da castanha de caju.

Por outro lado, mais para noroeste, a uns dois quilómetros da localidade, existe a Lagoa Pembe, onde se pode proceder à captura de peixe para a alimentação da população da zona. O peixe é de boa qualidade e com muitas proteínas.

O comandante militar convidamos a percorrer a localidade. Entramos e saímos das casas. As cantinas, a padaria e as residências completamente destruídas. Foram depredadas algumas e outras incendiadas pelos bandidos armados. O Major-General Domingos Fondo avisa-nos, entretanto, para não nos afastarmos para longe «Cuidado com as minas!»

Um aviso suficiente para que ninguém se aventurasse e, dali para a frente, a ter cuidado suficiente. É preciso ver onde se põem os pés, porque não se sabe o que se esconde por debaixo da areia.

DESAFIO AO REAL

Meia hora depois vem a ordem para retomarmos a viagem. Tal como havia acontecido em Vavati, cada um ocupa uma vez mais o respectivo lugar nas viaturas. Como havia indicado anteriormente o comandante militar, iríamos avançar para Cuhulo.

As viaturas põem-se em marcha. Passamos por entre algumas posições dos nossos militares e contornamos as defesas criadas para protecção da localidade. Tomamos o rumo de uma floresta cerrada, por onde passamos durante alguns minutos, até que diante dos nossos olhos surge a Lagoa Pembe e um areal imenso.

-- Temos de atravessar este areal. Não há estrada feita. Vai ser difícil, mas não temos outra alternativa — diz-nos o administrador de Homoine. As viaturas, com os seus potentes motores e tracção a todos os rodados, lançam o desafio ao areal.

— Não será a areia que nos vai vencer — garante o motorista da

nossa viatura. Imobilizada, por força da areia, a viatura range por todos os lados, quando o condutor acelera ao máximo das rotações do motor para tentar safá-la do atolamento. Mete a primeira, mete a marcha-atrás e aos solavancos, com custo, deixa o lugar.

A nossa direita estende-se a Lagoa Pembe. Nas suas margens, algumas vedações de toros finos de madeira mostram-nos que em tempos ali existiram currais para o gado. As cabeças eram ali guardadas, depois de saciarem a sede nas águas da lagoa que nos dizem serem salobras.

Eram catorze horas quando deixámos a localidade de Pembe. Havia passado duas horas e apenas tínhamos feito metade dos dezoito

quilómetros que separam Pembe e Cuhulo. A nossa volta há dezenas e dezenas de árvores frágeis e quase rasteiras. São árvores de fruta, tais como a mapshinsha e a massala.

Outra viatura que se enterra na areia, mais uma paragem a que a colina é obrigada a fazer. Então os ocupantes das viaturas aproveitaram a oportunidade para abandonar os seus lugares e, por entre as árvores, irem colhendo as frutas.

A mapshinsha está boa. É saborosa, doce e com sumo. É deliciosa mas prejudicial para provocar a sede. Da massala nada se pode saborear porque está verde e não es' em condições de se comer.

Depois de se encher a barriga com a mapshinsha, já que não se havia almoçado e, de manhã, o pequeno almoço havia sido um chá ou um café, alguns goles de água do poço guardada em cantis ou em garrações ajudaram a reconfortar o estômago habituado que está às horas normais das refeições citadinas.

Já são quase dezassete horas quando ao longe se começa a ver a mata. Significa que o areal está a chegar ao fim e que, dali para a frente, a viagem será mais fácil até chegarmos a Cuhulo. Alguém levanta o braço e aponta, dizendo:

— **Estão a ver aquelas palmeiras? Vamos até ali, viramos à direita e estamos em Cuhulo. Já falta pouco. Talvez daqui a meia hora chegaremos a Cuhulo.**

Uns vinte minutos depois atravessamos uma baixa. A nossa esquerda aparece um poço de água potável, sobre o qual estão debruçados três homens fardados com as suas armas a tiracolo. Um militar diz-nos que eles são milicianos.

DEBAIXO DOS CAJUEIROS

Cuhulo não tem qualquer construção definitiva. É um ponto conhecido da população da zona, mais pelos seus cajueiros. É debaixo deles que se estendem várias construções improvisadas de madeira e palha seca, com cobertura de chapas de zinco que os nossos militares recuperaram aos bandidos armados. Essas chapas haviam sido roubadas num assalto qualquer feito pelos bandidos armados, mas alguém afirma-nos que eram os telhados das casas de Pembe, que foram arrancadas antes da fuga e da destruição da localidade.

Centenas de militares dão-nos as boas-vindas a Cuhulo. Vemos alguns civis. Informam-nos que é população libertada dos bandidos armados e que ali está a viver temporariamente, antes de ser transferida para um local onde possa construir uma aldeia.

Debaixo de um cajueiro está a cozinha. Grandes painéis contêm água, que imediatamente é assaltada pelos viajantes recém-chegados, sedentos de frescura. O sol começa a pôr-se e uma brisa fresca chega até nós vinda dos lados da lagoa. Alguém afirma que a noite vai ser fria.

Passados alguns momentos, de-sentorpeçadas as pernas, feitos os

primeiros contactos com a gente da terra, o administrador Jgimo diz à senhora do protocolo, que nos acompanha, que deveria trazer pão e latas de conserva de atum e sardinha pelos jornalistas.

Come-se desalmadamente. Para ajudar, algumas cervejas e refrigerantes que o administrador teve a preocupação de carregar num dos camiões, para aliviar os jornalistas de «tão penosa e invulgar» jornada de trabalho.

Alguém se lembra que, no seu saco, há piripiri comprado no dia anterior no mercado de Inhambane. Esse piripiri ajuda a temperar o paladar do atum ou da sardinha em conserva. Acaba por ser uma refeição-surpresa, muito agradável, ao ponto de não haver mais espaço para qualquer alimento nesse dia.

Quando o Major-General Fondo mandou servir o jantar — massa de cotovelo, salteada com pedaços de carne, à qual foi acrescida atum ou sardinha — houve uma recusa quase geral.

UM MERECIDO REPOUSO

A noite chega. Acendem-se velas e candeieiros a petróleo. Aqui e acolá, fogueiras bem vivas iluminam e aquecem as pessoas, porque a temperatura baixou. Há conversas, formam-se grupos que discutem os mais diversos assuntos. Surge a anedota, a história bem condimentada. E alguém recorda-se das peripécias até ali vividas.

É a babalaza da sura que se apoderou durante todo o dia de um ou outro. É a «estreia africana» de um dos jornalistas estrangeiros que vai conosco e que, desde que havia chegado a Maputo, nunca se tinha deslocado a uma província do nosso País.

Mas a história mais curiosa vem de um dos colegas estrangeiros. Ele havia sido avisado que deveria comparecer «amanhã de manhã, às 7.55 horas, no aeroporto, porque iria haver um trabalho muito importante». Ninguém lhe deu mais informações, mais por esta nossa mania de fazer secreto o que não é nada secreto.

— **Sai de casa com a minha mulher — começa a contar-nos o colega — e fui deixá-la à bicha da padaria. Disse-lhe que iria ao aeroporto fazer um trabalho e que passaria duas horas depois a apanhá-la... e estou aqui.**

Liga-se o rádio. Sintoniza-se a emissão nacional da Rádio Moçambique, para ouvir as últimas notícias. Depois, procuram-se outras estações emisoras, sobretudo estrangeiras. O tempo vai passando, entre uma notícia e um comentário nosso a essa notícia, com achegas informativas a partir dos conhecimentos pessoais que cada um tem sobre determinado assunto abordado pela estação emissora sintonizada.

São quase vinte e trinta, chamam-nos para a distribuição de cobertores. Faz-se depois a distribuição dos locais onde se vai dormir. Recolhem-se esteiras, que se dá a cada um para deitar o corpo e descansá-lo da longa jornada do dia.

Três a três ou quatro a quatro, os jornalistas entram para as improvisadas construções, todas elas com a cobertura das chapas de zinco. Há quem tenha sido convidante, para uma mudança repentina de local, o que provoca alguns comentários: «Cuem me fez homem...»

Porque ninguém fora pedir às senhoras para mudar de lugar. O Destacamento Feminino manteve-se nas suas casinhas, com a sua chefe, mulher avantajada bem firme, que no dia seguinte envergou o camuflado, fazendo questão em avançar com os jornalistas.

— **Hoje temos um hotel de muitas estrelas** — diz um dos jornalistas, olhando para o céu estrelado, com a lua cheia prateada, iluminando a Terra, neste Hemisfério Sul. A noite vai avançada e alguns de nós teimam em ouvir os últimos noticiários das emissoras estrangeiras, enquanto outros já dormem, ressonando a bom ressonar, parecendo quase centrais eléctricas em pleno funcionamento.

O sol nasce. Às cinco da manhã já há quem esteja de pé. Procura-se a latrina, asseada e limpa, para as primeiras necessidades do dia. Olha-se para as copas dos cajueiros e tenta-se descobrir um caju maduro.

Em jejum, chupa-se o gostoso sumo do caju, o que dá direito ao primeiro cigarro do dia. Comenta-se a noite, graceja-se com o ressonar de um e de outro. Fala-se que foi uma noite calma, sossegada e que o frio não apertou muito graças aos cobertores que haviam sido distribuídos.

Chamam-nos para recolha dos cobertores. Faz-se a entrega das esteiras aos seus donos. Prepara-se o pequeno-almoço. Uns tomam chá com pão e jam. Outros preferem café — o tal da lata que um dos colegas estrangeiros havia comprado numa espécie de loja franca restrita que há em Inhambane no complexo ferroviário.

MARCHA RETOMADA

Começam-se a ouvir os primeiros ruídos, dos motores das viaturas. Outras teimam em não querer funcionar, porque o motor não pega. Empurra-se à mão, mas não dá. De reboque, com cabo de aço ou barra de ferro, põem-se em funcionamento os camiões que teimam em não querer trabalhar.

— **Vamos avançar para a Planície de Manianje, onde está o principal acampamento dos bandidos armados na província, que as nossas Forças Armadas tomaram no dia 19 de Fevereiro passado** — anuncia-nos o Major-General Domingos Fondo. Coloca a nossa disposição para mais informações o comandante da unidade estacionada em Cuhulo.

Quando tentamos saber mais pormenores, o comandante de Cuhulo apenas diz que «iremos ter a oportunidade de ver no terreno» o que se passou e o que está a passar-se. Mas o comandante militar provincial dá mais pormenores e diz-nos:

— Aqui, em Cuhulo, instalámos as peças de artilharia. Na data marcada, as peças começaram a bombardear várias posições, para fazer cobertura ao avanço das unidades de Infantaria. Fizemos tiros a uma distância entre os oito e os catorze quilómetros.

Enquanto estamos nos preparativos para a partida de Cuhulo para a Planície de Manianje, vemos unidades de Infantaria a deixar o local, em direcção ao principal acampamento dos bandidos armados. Iam bater o terreno, em posição avançada, para detectar uma eventual infiltração inimiga que pudesse causar problemas à coluna motorizada que, depois, iria avançar.

São oito horas. O Major-General Domingos Fondo ordena a partida. São tomadas algumas medidas de precaução, porque dali para a frente, se bem que o inimigo tivesse sido escorraçado, poderia euceder algum imprevisto desagradável. É a lógica do homem que vale por dois.

A coluna parte. A nossa frente não há estradas nem apenas um trilho, que nos fornece a direcção exacta até ao local onde se situa o principal acampamento dos bandidos armados tomado e ocupado cinco dias antes.

São os rodados dos pesados camiões, blindados e tractores que vão abrindo uma nova entrada, que ainda não consta do mapa rodoviário nacional. E comenta-se: «Vai ser mais duro a partir de agora».

Com efeito, a velocidade das viaturas torna-se mais lenta. As paragens são mais frequentes. Há que sair das viaturas e de machado em punho cortar árvores para dar espaço para a coluna passar, enquanto soldados, de olhar vigilante, olhando a mata, fazem a respectiva protecção à coluna.

Na viatura em que seguimos, um soldado vai agarrado à metralhadora pesada, encaixada num suporte próprio. Alivia a pressão dos dedos sobre o punho, quando se entra numa machamba de milho abandonada. Mas retoma essa pressão, segurando forte o punho da arma, quando a coluna se embrenha pela floresta densa.

É uma posição característica para um combatente experimentado, que conhece como é traiçoeiro o inimigo, que sabe onde esse inimigo se pode esconder para fazer uma emboscada à estrada. Posição que outros assumem, na certeza de que não se pode relaxar a vigilância.

Cinco dias passaram desde que os bandidos armados foram escorraçados da Planície de Manianje. Mas sabe-se que por várias vezes os bandidos armados contra-atacaram, na vã tentativa de retomar e reocupar as posições das quais haviam sido expulsos.